

ALEX
CLARON

DO LADO
MAIS ESCURO

SHIRLEY SOUZA

ALEX
CLARON

DO LADO
MAIS ESCURO



SUMÁRIO

Antes do despertar 7

PARTE I • A ORIGEM



- I O templo de pedra 13
- II O lado de fora 26
- III Despertar 39
- IV Evolução 57
- V Destino 67

PARTE II • REVELAÇÕES



- VI Visão ou sonho? 95
- VII Efeito colateral 101
- VIII Proteger e atacar 107
- IX Não há humanos entre os Anuar 125
- X Reflexos da realidade 147

PARTE III • O CAVALEIRO DO DRAGÃO



- XI O fogo 160
- XII De volta ao lar 169
- XIII Meses em dias 178
- XIV Sangue de dragão 205

PARTE IV • TEMPO DE GUERRA



XV	Quando não houver saída...	217
XVI	Desaparecer	246
XVII	Traições	251
XVIII	Instáveis	268
XIX	Encaixe imperfeito	283
XX	Conselho de Guerra	301
XXI	Nem todo sangue é vermelho	322
XXII	Do lado mais escuro	348

PANDA BOOKS

ANTES DO DESPERTAR

“Para os filhos da noite, a Escuridão é a Luz.”

*“Beije você porque tive vontade, Alekssander.
Você é um menino agora, mas será um guerreiro em breve.
Beije a sombra do guerreiro que vejo em você.”*

*“Nem tudo é como parece. A realidade é muito
mais ampla do que conseguimos ver.”*

“Ela está morta, Alek. De volta à roda da vida.”

*“Você sabia que há guerras entre os diferentes povos da Escuridão?
Guerra entre irmãos de essência.
E acontece o mesmo com os seres da Luz!”*

*“Não, Alek. Não encontrei a verdade.
Os dois lados mentem. São iguais.”*

“Você é aquilo que escolhe ser.”

“Com o poder não pode caminhar a culpa.”

“É sua irmã, sim. Gêmea, mas não é como você, garoto!”

“Tudo está ligado, Alekssander!”



Alek acordou exausto, ofegante, encharcado de suor. O silêncio era absoluto.

Sentia cada músculo do corpo. Era como se não tivesse dormido nada e o cansaço da batalha ainda fosse o mesmo... ou pior.

Sua mente também não parecia ter descansado nem um pouco.

Agitado, ainda com dificuldade de digerir tudo o que acontecera nas últimas horas, o retorno para Dagaz o incomodava particularmente.

Sentou-se na cama, colocou os pés no chão e ficou observando o céu noturno pela janela que esquecera aberta. A lua quase cheia, ainda alta, brilhante, reinava no céu escuro. Os olhos observavam o mundo, mas a mente revivia a batalha com os Renegados e sua decisão de desintegrar Dario, o líder deles. A lembrança o atormentava.

Alek sentia asco de si mesmo. Não conseguia gostar daquilo em que se transformara. Além disso, a recepção em Dagaz não fora a esperada. Anuar não estava na cidade. Ninguém sabia dizer para onde fora o líder da Luz ou quando voltaria.

Alek quis levar Lucas consigo para o castelo, mas Martim o convenceu de que não seria uma boa ideia fazer isso sem a permissão de Anuar. O guerreiro abrigou o humano em sua casa e orientou Alek a localizar Silvia, a velha curandeira, em busca de ajuda para cuidar do amigo.

Para o Sombrio, nada saía como o esperado, nada seguia o rumo de sua vontade. Foi fácil encontrar Silvia, e ela praticamente se ofereceu para ir até Martim. Estava curiosa por conhecer o humano. Alek quis acompanhá-la, mas sabia que o melhor era aguardar no castelo. Esperar... Precisava falar com Anuar assim que possível! Logo que ele regressasse, seria avisado.

Levantou-se e caminhou até a janela. O frescor da noite era mais intenso do lado externo do quarto. A cidade dormia. Viu as estranhas sombras vivas deslocando-se sobre a floresta, ao longe. O que seriam elas afinal? Sempre que observava o céu de sua janela, estavam ali, mas, assim que deixava de olhá-las, pareciam se esvaír de suas memórias.

Ficou observando a lua, toda aquela claridade suave e absoluta.

“Onde estará minha irmã? O que estará fazendo depois de tudo o que causou? Será que Ela consegue ter uma noite tranquila de sono?”

A lua saiu de foco e Alek desequilibrou-se. Uma vertigem forte o atingiu e desapareceu em um instante.

Tudo o que precisava era dormir, mas não queria... Não queria tanta coisa, e ainda assim sua vontade não significava nada. Acima de tudo, não desejava acumular mortes. A imagem de Dario uniu-se à memória das outras mortes que causara. Os Anjos da Escuridão incinerados com o golpe da tempestade. Os Renegados ardendo com a luz azul dos anjos. Os outros tantos destruídos com o poder de seu braço de dragão. Mortes demais. Não devia se tornar a arma pela qual Anuar ansiava. Não... não podia. E por mais que relutasse, parecia que todas as suas ações o aproximavam desse destino. Seria uma poderosa arma mortal, muito em breve.

Uma tristeza doída o fez fechar os olhos e as lágrimas escorreram. Em silêncio. *“Sou um guerreiro?”* Com certeza se transformara em um. Não voltaria atrás nas escolhas que fizera. *“Mas não sou apenas um guerreiro. Sou o Sombrio.”*

Fitou o céu como se olhasse o vazio. *“Por que minha irmã não foi ao meu encontro? Será que não está pronta para o conflito, como Dario disse? Não acho que essa seja a razão.”*

A lua mais uma vez balançou diante de seus olhos e Alek sentiu-se zozno. Tentou firmar o olhar. O que seria aquilo? Uma mulher dançava na lua? Estaria alucinando?

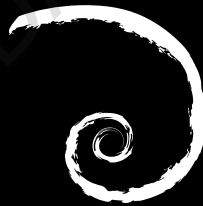
– Você precisa conhecer, Alek!

Ele ouviu a voz suave. Não sabia dizer se estava em sua cabeça ou ali no quarto, próxima a ele. Segurou-se no parapeito, desequilibrado pela tontura.

– Você precisa conhecer a verdade. Olhe para o passado e veja! Veja!

• PARTE I •

A ORIGEM



Quando Tulan nasceu, uma nova estrela brilhou no céu.

A garota acreditava nisso.

A mãe morrera enquanto ela nascia e fora transformada em estrela, para observar a filha lá do alto e protegê-la.



De fato, no mundo de Tulan, quando alguém bom morria, tornava-se estrela, desde que optasse por isso e não escolhesse voltar para a roda da vida.

Só os verdadeiramente bons tinham a chance de escolher.

Tulan ainda não sabia que a mãe não era uma pessoa verdadeiramente boa...

I O TEMPLO DE PEDRA

A menina gostava de correr livre pelos corredores escuros e gelados de Monte Dald, o mosteiro construído em meio à cordilheira de Oblitus, encravado na parede rochosa como esculpido pela própria natureza, fundido de tal forma a ela que se tornava imperceptível aos olhos de quem observasse aquela montanha.

No templo, poucos aposentos recebiam a luz do sol e, em muitos quartos e corredores escuros, ardiam tochas e lamparinas, o que conferia uma aparência trêmula às sombras refletidas nas paredes.

Dentro de Monte Dald era sempre inverno, mesmo que o verão dominasse o lado de fora. O frio emanava do interior da cordilheira. O fogo era o grande companheiro dos Monges do Destino, ardendo no fogão, nas tochas, nas lareiras e criando recantos aconchegantes na imensidão daquela construção milenar, mesmo em lugares nunca tocados pelos raios solares.

Para quem visitasse o mosteiro pela primeira vez, Monte Dald pareceria uma fortaleza, não um local sagrado. Havia mais guerreiros armados transitando por todos os recantos, treinando de maneira incansável, do que monges meditando, orando ou entoando cânticos...

A menina sentia-se bem ali, em meio àquela agitação que contrastava com a frieza da construção. Ela conhecia cada reentrância oculta pelas sombras, transitava livre por todos os andares de Monte Dald, sempre envolta no grosso casaco de lã negra que a mantinha aquecida, ainda que se afastasse por horas de uma fonte de calor. Poucos lugares eram proibidos a Tulan.

A pequena acompanhava diariamente a agitação intensa do treinamento guerreiro e não imaginava que algo pudesse, de fato, ameaçar

a segurança de Monte Dald. Não considerava possível nem mesmo algum ser vivo chegar até o templo sem a orientação de um dos monges pelas tortuosas e perigosas trilhas que subiam a encosta da montanha. Por isso, não entendia a atenção devotada à formação quase obsessiva de tantos guerreiros destinados a proteger o mosteiro.

As crianças de Monte Dald iniciavam o treinamento ao completarem três ciclos de vida – começavam juntas, descobrindo dons, afinidades com os elementos e definindo seu papel na história dos Monges do Destino. Logo após a iniciação, trocavam as pesadas roupas de lã por calças e uma túnica de mangas curtas, de tecido grosso e rústico, escuro como uma roupa encardida, da mesma cor que as paredes da montanha. A troca da vestimenta facilitava muito a movimentação dos aprendizes, principalmente nas atividades físicas, mas nem de longe essas vestes aqueciam tanto quanto o manto destinado aos pequenos não iniciados. O fato era que, ao passarem pelo ritual que os conectava a Oblitus, os Monges do Destino não sentiam o frio da mesma maneira que antes e não necessitavam da proteção do manto de lã.

Uma vez que selavam a conexão com a cordilheira, a iniciação passava a ser visível por todos: após a cerimônia, a criança ganhava uma mancha negra irregular na mão esquerda, a qual crescia sob a pele e atravessava da palma para a parte externa da mão, parecendo mover-se como se fosse viva. O formato da mancha dava uma primeira indicação sobre os dons a serem desenvolvidos no aprendiz, acusando se ele seria um monge guerreiro, escriba, leitor ou invocador do Campo do Destino.

A conexão com Oblitus crescia conforme os aprendizes desenvolviam seus dons, dedicavam-se a eles, e isso também era visível: com o passar do tempo, a mancha irradiava grossos veios que subiam pelo braço esquerdo dos aprendizes, sempre em movimento pulsante; depois ganhavam o ombro e parte do peito dos monges; então, atingiam o pescoço e, por fim, o rosto. Os monges mais velhos e experientes tinham a metade esquerda da face co-

berta por muitas dessas ramificações negras, que se moviam como serpentes sob a pele, e até mesmo a íris de alguns recebia um contorno negro irrequieto.

Por essa transformação, para evitar os olhares curiosos que provocavam em outros povos do Mundo Antigo, quando saíam do mosteiro sempre usavam um longo casaco cinzento com capuz, que ocultava seus braços e lhes mantinha o rosto protegido da atenção de estranhos.



Foi com a idade de três ciclos completos que Tulan percebeu que não pertencia àquele lugar. Antes disso, era uma criança como as outras, ainda que menor, aparentemente menos forte, cuidada pela coletividade, cercada de carinho e atenção. Via a todos como irmãos, e era assim vista por eles.

Tudo mudou quando a proibiram de acompanhar os amigos à iniciação. Não seria iniciada. Percebeu-se diferente e foi percebida assim. Separou-se da irmandade e não encontrou um meio para reconectar-se a ela.

Dia após dia, seu isolamento cresceu: a exclusão das horas de treinamento dos pequeninos ampliou-se para todos os momentos. Com o passar das semanas, deixou de ser envolvida nas brincadeiras, não era mais convidada a participar e tampouco bem recebida quando tentava incluir-se. Não se sentia mais à vontade com eles nos momentos de alimentação. Até para dormir foi retirada do lugar que sempre lhe pertencera, levada para o canto do dormitório, na cama escura que por alguma razão ficava separada das demais e nunca fora ocupada. Talvez, desde o início, estivesse reservada a ela.

Enquanto a alegria crescia nos novos aprendizes de Monte Dald, em Tulan, a tristeza mostrava seu poder.

O desenvolvimento físico da garota permaneceu mais lento, e ela viu os antigos companheiros amadurecendo, enquanto conti-

nuava uma criança. O tempo transcorria em outro ritmo, isolando-a ainda mais.

O questionamento foi natural, nasceu dessa separação forçada daqueles que, até então, a rodeavam. A resposta que ouviu de todos expunha que ela era uma forasteira e, por essa razão, seu destino seria diferente. Tulan, ainda tão pequena, passou a perguntar sobre sua origem e, conforme o tempo avançava, as dúvidas se aprofundavam. Desejava entender quem era, de onde viera, qual seria esse seu Destino, qual o motivo para ser isolada.

Os mais velhos, que podiam falar com liberdade sobre o evento – ou melhor, sabiam o que devia ser dito –, contavam que mestre Salkhi a trouxera em uma noite tempestuosa, mas, quando perguntava de onde viera, respondiam que isso não importava... que passara a existir para eles no momento em que Salkhi atravessou o portal do templo com a menina nos braços, e isso bastava.

Não bastava.

Mestre Salkhi, ao longo dos primeiros ciclos, lhe deu pouca informação, pistas soltas como migalhas que formavam uma trilha a ser percorrida.

Quando atingiu o amadurecimento equivalente a uns cinco ciclos, Tulan já havia perturbado mestre Salkhi infinitas vezes com esses questionamentos, e as narrativas reunidas apontavam que sua mãe falecera durante o parto. Tulan a imaginava uma pessoa doce, boa, e torcia para ela ter se transformado em uma estrela que pudesse observá-la do céu a cada noite.

Sabia-se que, quando a garota nasceu, o tempo era de fome e guerra disseminada pelo mundo. Luz e Escuridão combatiam mais uma vez: de maneira visceral, buscavam encontrar o poder que mudaria o equilíbrio das forças – nascera o Sombrio, a criança prevista em visões antigas, mestiça, filha da Luz e da Escuridão, capaz de dominar ambas as forças, uni-las ou destruí-las.

Todos os seres, voluntariamente ou não, estavam envolvidos nessa busca sangrenta, de modo que nenhuma família poderia acolhê-la.

Foi nessa época que chegou aos braços do Monge do Destino, membro de um dos poucos povos que permaneciam neutros e à margem do conflito. Sob uma tormenta, o bebê fora trazido até ele, enquanto comprava provisões na vila.

Nada mais Salkhi sabia sobre a origem da criança, cuja mãe não conhecera, tampouco a mulher que a entregara, uma andari-lha cigana sem paradeiro certo, que seguia pelo mundo como uma folha ao vento.

Quando reuniu as peças dessa pequena história, Tulan passou a desconfiar de que não era a verdade completa. Nos últimos ciclos, usufruía a companhia de Salkhi por muitas horas diárias. Desde que as outras crianças iniciaram o treinamento, novas rotinas foram impostas a Tulan: ajudar em tarefas cotidianas – o que tomava algumas horas do dia; perambular sozinha pelo mosteiro – o que fazia por muitas horas todos os dias; ficar entre as crianças menores, que ainda não haviam iniciado o treinamento – o que fez por alguns meses, mas logo se aborreceu e deixou tais atividades de lado; permanecer sob os cuidados de Salkhi, quando ele não estivesse em uma missão ou treinando os jovens monges guerreiros – o que era a escolha preferencial da menina.

Nessa convivência diária, Tulan logo percebeu que Salkhi desviava o olhar e afastava-se dela ao repetir a versão dos fatos sobre seu passado. As marcas negras de seu braço, pescoço e rosto pareciam se agitar em um ritmo diferente. Sua impressão era a de que até os curtos cabelos negros de Salkhi se eriçavam.

A menina já havia notado que o mestre mirava na profundidade dos olhos de seu interlocutor enquanto falava algo importante. Seu corpo forte e grande mantinha-se imóvel, como se fosse parte da montanha; as manchas negras aquietavam-se, ficando praticamente inertes, apenas acompanhando o pulsar da respiração. Não era comum adotar aquela postura fugidia e contraída, como se esperasse um golpe repentino. Pelo que ela vinha observando, Salkhi só fazia isso quando ocultava informações que não desejava revelar. Crianças

identificam com facilidade as fraquezas dos adultos, e aquele era um ponto fraco do monge.

Apesar de essa origem obscura atormentar os pensamentos de Tulan de tempos em tempos, não era uma perturbação contínua, apenas um incômodo que se acentuava em momentos de extrema solidão, um sentimento agudo de não pertencimento, de não se encaixar; isso lhe doía como um espinho fincado na planta do pé...



Tulan não podia lembrar, mas, quando chegara a Monte Dald, ainda não tinha um mês de vida, estava fraca, debilitada por um resfriado, e o Conselho do templo não foi favorável à sua permanência. Não recebiam aprendizes de fora: os Monges do Destino nasciam ali, vindos de uma linhagem que se perdia na origem do tempo.

Claro que aconteceram tentativas de aceitar os poucos aprendizes que chegaram até o mosteiro sozinhos, em busca de conhecer os segredos do Destino. Contudo, nenhuma dessas situações teve êxito. As práticas dos monges, quando iniciadas pelos forasteiros, sugavam-lhes a energia vital, eles adoeciam e não podiam partir.

Todos os Monges do Destino, ao começarem o treinamento em Monte Dald, permitiam que suas vidas se ligassem intimamente a Oblitus e, a partir daí, não sobreviviam por muito tempo longe da cordilheira, pois precisavam da energia do local para manterem-se bem. No caso dos forasteiros, também não sobreviviam por muito tempo dentro do mosteiro. A conexão era incompleta, defeituosa.

Por essa razão, o Conselho repreendeu mestre Salkhi por trazer uma criatura tão frágil para Monte Dald, um bebê que não poderia escolher por si mesmo.

— Mas ela não sobreviveria ao inverno se eu não fizesse isso... — argumentou.

– Pois não sobreviverá muito mais do que alguns ciclos aqui em Monte Dald, você sabe, Salkhi. Em três ciclos deverá ser iniciada... a conexão com Oblitus sugará sua vida – concluiu mestra Amidral, a mais antiga Monja do Destino, líder do Conselho.

Amidral era pequena, tinha uma aparência delicada; os longos e volumosos cabelos prateados desciam em cachos até o meio das costas. A pele era quase tão negra quanto os veios que lhe cobriam o rosto. Apesar dos muitos ciclos de vida, não tinha a pele marcada pelo tempo.

Este era um dos efeitos da conexão com Oblitus: o corpo dos monges permanecia bem, como no auge de sua forma física. Ficavam assim até o momento da morte, quando se desfaziam em uma lama negra, que era reabsorvida pela cordilheira. Amidral analisou a situação com calma e concluiu:

– Talvez o destino dessa criatura fosse morrer em seus primeiros dias e voltar à roda da vida.

– Não é possível que esse seja o destino dela! – refletiu Salkhi. – Qual seria o propósito disso? Essa criança é muito especial para ter esse destino.

– E de fato não é isso o que vejo no Livro – comentou mestre Golyn, enquanto acompanhava as possibilidades do destino do bebê no Livro Eterno e ficava claro quem ele era.

Golyn era alto, extremamente magro e, embora aparentasse ter uns quarenta anos humanos, era quase tão velho quanto Amidral, em breve completaria trezentos ciclos de existência. A cabeça nua deixava transparecer os muitos veios negros que se agitavam como que refletindo o ritmo de seus pensamentos. O que antes havia sido um contorno negro de sua íris hoje tomava toda a esclera esquerda, destacando a cor dourada do olho, que parecia aceso em meio àquela negritude pulsante. Golyn tinha um jeito suave de falar, capaz de emanar tranquilidade. Concentrado no Livro Eterno, como se houvesse encontrado um enigma, expôs:

– A história de vida dela está confusa por enquanto, são muitas as possibilidades abertas, várias ainda ilegíveis. No entanto, as li-

nhas definidas não revelam a morte próxima, tampouco a conexão com Oblitus.

– Aguardemos o tempo passar, então... – concluiu Amidral – e observemos de perto o que seu destino vai revelar.

Salkhi assumiu a responsabilidade de cuidar do bebê nas primeiras semanas, até que se curasse do resfriado e pudesse ser inserido entre as crianças do templo. Foi ele quem escolheu o seu nome. Na verdade, o nome veio a ele em um sonho...

“*Como mantê-la a salvo em Monte Dald?*”, foi o questionamento que o monge se impôs nos dias que se seguiram à reunião do Conselho, buscando a resposta em cada momento de meditação.

Algumas noites depois, ainda quando o tempo das chuvas antecedia o inverno que se aproximava, Salkhi teve o sonho que revelou a natureza guerreira da menina – pelo menos foi assim que o mestre interpretou a imagem da garota coberta de sangue, em meio a uma grande batalha. Seria chamada de Tulan, a batalha.

Pediu nova audiência aos mestres do mosteiro.

– Podemos mantê-la aqui sem a iniciar nas artes do Destino. Vi isso em um sonho. Podemos treiná-la nas habilidades de combate e torná-la uma guardiã do templo, uma monja guerreira...

– Viu isso em um sonho, Salkhi? Pelo que sei, não possui esse dom – questionou irritada mestra Shuurga, monja escriba, cujo dom era justamente enxergar o Destino nos sonhos.

Shuurga era a mais nova mestra do templo, as manchas negras ainda subiam por seu pescoço, sem lhe atingir a face. Assumira a posição depois da morte de seu antecessor. O temperamento quente refletia-se na cabeleira vermelha. Quando Shuurga era uma aprendiz, por diversas vezes foi tema de discussão no Conselho: seria a herdeira natural de Delkhii, o antigo mestre escriba; desenvolvera seus dons por completo, possuía uma conexão forte com Oblitus, mas não tinha a serenidade necessária a um membro do Conselho, o que os preocupou por muito tempo. Shuurga não mudou com a idade e, como foi eleita pela cordi-

lheira, após a morte de Delkhii, assumiu seu lugar na liderança dos monges escribas.

– Penso que a longa meditação me levou ao sonho, Shuurga... – Salkhi sabia que isso era possível, apesar de incomum.

No templo, cada monge tinha um dom, e os dons se complementavam... Nenhum monge conhecia todos os segredos do Destino. Dessa maneira, o equilíbrio reinava em Monte Dald desde a origem da existência.

Golyn encerrou a discussão:

– Sim, isso é possível... compreendo agora o que não entendia antes... – disse, lendo o Livro Eterno. – Esse é um dos caminhos abertos, vejo bem aqui! Ela permanecerá viva se não for iniciada. E, com certeza, será uma grande guerreira.

– E Oblitus permitirá? – questionou Shuurga.

– Ao que parece, sim... – respondeu Golyn, consentindo com a cabeça.

– Você sugere treiná-la apenas com habilidades de combate, correto? – quis saber Amidral, dirigindo-se a Salkhi. – Sem a magia dos elementos? É isso o que propõe?

– Pode não ser o mais eficiente, reconheço, Amidral... Mas isso a manteria viva, como disse Golyn. Ela não precisaria fazer a conexão com a montanha.

– Também a tornaria uma ameaça, pois poderia partir, abandonar o templo quando bem quisesse, já que não seria iniciada e não estaria ligada a Oblitus... – contrapôs Shuurga, irritada.

– Não teria como revelar nossos segredos, uma vez que não os conheceria – concluiu Amidral, entendendo aonde Salkhi queria chegar.

– Discordo! Devemos encarar que mantê-la aqui, por si só, ameaça nossa existência. E se ela fugir quando estiver maior, ainda que não conheça nossos segredos, será capaz de guiar quem deseje chegar até o mosteiro – opôs-se Shuurga novamente.

– Nenhum dos monges previu sua chegada em nosso templo... – Amidral disse, pensativa. – O Sombrio não aparecia descrito em

nossa história até o momento em que você chegou com a criança nos braços, Salkhi... Só ali o Livro Eterno nos revelou como sua trajetória emaranhava-se à nossa. Isso me faz pensar que ninguém suspeitará de sua estada em Oblitus. Se a criança nos foi dada sem que antes nos fosse avisado, o Destino deve ter suas razões, Shuurga... Pode ser essa a explicação para as gerações de monges guerreiros que vimos nascer, tão mais numerosos do que os monges que trazem os outros dons. Não nos questionamos sobre isso há décadas? E no caso de ela nos abandonar, podemos redesenhar os caminhos que trazem ao templo. Essa ameaça seria contornada com certo trabalho, reconhecimento, mas nada impossível para nós.

Salkhi, aliviado, abriu um sorriso quando ouviu a conclusão de Amidral:

– Por agora, deixemos assim... Penso que devemos continuar acompanhando o destino de Tulan e rever a situação da menina quando for oportuno.

E prosseguiram dessa maneira, dando atenção ao que o Livro Eterno revelava sobre os caminhos de Tulan e avaliando o destino da menina de tempos em tempos.

Viram a curiosidade crescente da criança antes que ela se manifestasse e se prepararam para isso, decidindo o que deveria ser revelado à pequena.

– Todos concordam que sua origem deve ser mantida em segredo? Que ela não deve saber que é a Sombria? – concluiu Amidral na reunião que antecedeu o aniversário de três ciclos de Tulan.

– Parece ser o melhor... para nós e para ela – consentiu Shuurga.

– Mas devemos considerar que não será possível represar esse rio para sempre – alertou Golyn.

– Represaremos o quanto pudermos, irmão – concluiu Salkhi, questionando a si mesmo até quando a verdade permaneceria oculta e o que aconteceria ao ser revelada.



A cada novo dia, Tulan passava muito tempo sozinha. Enquanto todos viam aumentarem as horas de estudos, afazeres e treinamentos, ela percorria os corredores vazios e escuros de Monte Dald. Poucas tarefas lhe foram passadas no princípio. Pelo que se recordava, sua única obrigação até completar cinco ciclos era peneirar a farinha usada na produção do pão a cada manhã. No restante do tempo, ou estava com Salkhi, ou ninguém imaginava o que poderia estar fazendo.

Uma menina destemida, de longos cabelos negros e olhos cinzentos arregalados e curiosos, sem supervisão, que cabia em qualquer reentrância e, por isso, aprofundava-se nas rachaduras que levavam ao interior e aos recantos de Oblitus, chegando até mesmo a lugares desconhecidos dos Monges do Destino. Nenhum deles tivera tempo ocioso suficiente para as explorações que Tulan empreendia.

Foi logo no início que descobriu a trilha estreita e ascendente que saía de uma das janelas do refeitório e levava ao Pico Escarpado, onde encontrou três imensas fênix. Quando contou isso a Salkhi, ele a advertiu para manter-se distante, explicou o quanto aquelas aves eram especiais, que precisavam de tranquilidade e não de uma menina xereta entre elas. Narrou como eram capazes de renascer das próprias cinzas e buscavam o templo quando esse momento se aproximava. Tulan, contrariando as advertências do mestre, passou a visitar o pico sempre que podia, na esperança de assistir a um renascimento, mas o máximo que conseguiu foi presenciar momentos de sono ou descanso daqueles seres; nos melhores dias, chegou a vê-las limpando as próprias penas que, sob a luz do sol, bruxuleavam como o fogo.

Também encontrou a câmara reluzente que, em sua visão de menina, era o coração encantado de Oblitus: brilhava em um azul cintilante, parecendo pulsar, e, lá no alto, havia uma pequena abertura para fora da montanha. Sob seus pés, o chão se constituía em parte por pedras e em parte por areia bem macia. Tulan visitou a câmara

infinitas vezes, era seu lugar predileto de brincar e de ficar só... Sempre que estava ali, sentia-se conectada à cordilheira, como se fosse parte dela, parte de algo... No coração de Oblitus, não era uma pária.

Tulan tentou mostrar a câmara para Salkhi, que a desconhecia por completo. Não havia registros do lugar nos textos ou nos mapas do templo. Mas o corpo do mestre guerreiro era grande demais para a estreita abertura por onde Tulan se esgueirava, e ele não conseguiu vislumbrar o que a menina descrevia.

O mestre encantava-se ao comprovar que, por mais que fizessem para manter a ignorância de Tulan, ele mesmo tinha o que aprender com a pequenina e até sobre o lugar onde vivia e a respeito do qual considerava tudo conhecer.

Depois, Tulan encontrou a trilha que descia até o rio subterrâneo, responsável por abastecer de água Monte Dald. Isso ajudou a solucionar o problema que os monges enfrentavam havia mais de vinte ciclos para fazer a manutenção das tubulações. Não tinham acesso às estruturas desde que a trilha que conheciam sofrera um desabamento, tornando-se inutilizável.

Foram diversas as descobertas da menina, até que Amidral decidiu que estava na hora de interromper as explorações de Tulan.

– É tempo de iniciar seu treinamento nas artes do combate, Salkhi. Precisamos manter essa menina ocupada e longe de confusões. O que mais ela descobrirá em Monte Dald?

– Iniciarei o treinamento amanhã, Amidral. Farei isso após o término do acompanhamento dos outros aprendizes... Ainda assim, ela terá boa parte do dia livre, sem que eu possa supervisioná-la.

– Penso que devemos aumentar sua participação nas tarefas de rotina do templo, ocupá-la mais, talvez com a limpeza dos aposentos – sugeriu Shuurga.

– Recomendo que lhe seja ensinada a história de nosso povo e de todos os povos do Mundo Antigo – falou Golyn. – O Livro Eterno mostra que sua sabedoria crescerá e não penso que combate ou mesmo nossas tarefas cotidianas vão contribuir para isso.

– E o que você sugere, Golyn?

– A menina é curiosa, de natureza questionadora. Sugiro que a alimentemos com boas informações, selecionadas e fornecidas por nós. Que aumentemos a convivência com ela, dividindo a responsabilidade com Salkhi. Assim não ficará tão solta. Sempre terá um de nós por companhia.

– Ultrajante sua proposta, Golyn! – rebateu Shuurga com rispidez. – Somos mestres! Não temos tempo a perder com uma criança que nem sequer é capaz de aprender nossos dons! Foi Salkhi quem a trouxe. Ela é um fardo dele, está bem claro.

– Penso que menospreza o que não compreende, Shuurga – disse Golyn calmamente, quase sussurrando. – A Sombria não é uma criança como as outras. Não conhecemos esse ser. Não sabemos do que ele é capaz. O que pode ou não aprender? Quais dons traz em si? Talvez sejamos nós que tenhamos o que aprender com Tulan. Talvez estejamos sendo presunçosos ao pensar que temos o que ensinar a ela, ao julgar o que deve ou não lhe ser ensinado... Afinal, a própria cordilheira revelou à menina segredos que nunca nos mostrou, e nosso povo está aqui há eras.

– Basta! – comandou Amidral. – Se o Livro Eterno diz que a menina se tornará sábia, entendo que Oblitus começou a ensiná-la antes de nós. E concordo: ela mesma já começou a nos ensinar algo. É hora de fazermos nossa parte.

O LADO DE FORA

A partir dessas decisões, as andanças de Tulan diminuíram muito, assim como seu tempo livre. Ainda conseguia visitar o coração de Oblitus, espiar as fênix, fazer explorações ocasionais, principalmente quando os mestres se ausentavam do templo por alguma razão, mas no dia a dia assumiu uma rotina bem definida.

Pela manhã, continuava na tarefa de cuidar do preparo do pão, agora participando de todas as etapas, até retirá-lo cheiroso do grande forno.

Depois, passava algumas horas em companhia de mestre Golyn, com quem conversava sobre tudo. Ele sempre tinha uma boa história para lhe contar, sempre estava disposto a responder às suas perguntas, ainda que nem sempre o fizesse por completo. Por meio das narrativas de mestre Golyn e pelas imagens dos grandes livros que ele folheava, Tulan conheceu uma infinidade de povos que habitavam o Mundo Antigo e passou a sonhar com o dia em que veria esses seres diante de si.

Após o almoço, Tulan seguia para o encontro com mestra Amidral, que procurava treinar a menina na arte de meditar. Os resultados não avançaram com o tempo, porque a pequena se aborrecia em repetir essa rotina dia após dia, ainda que gostasse de ficar perto de Amidral. A mestra emanava uma sensação boa, como se fosse um ninho pronto a recebê-la. Por isso, era frequente que essas sessões de meditação terminassem com Tulan dormindo, buscando apoiar a cabeça nas pernas cruzadas de Amidral que, em silêncio, aceitava e, em segredo, sorria sem baixar a guarda. Tulan era uma pequena menina na sua aparência, mas um ser desconhecido por todos. O que de fato seria a Sombria?

No meio da tarde, Tulan encontrava-se com Salkhi, que passou a ensiná-la a arte de lutar com um bastão de madeira. Aquilo a divertiu por pouco tempo. A menina queria mesmo era aprender a manusear as armas que via os guerreiros carregando pelo templo: armas cortantes, perfurantes, que brilhavam e atraíam seu olhar. Salkhi dizia que chegaria a hora, mas antes Tulan deveria dominar o bastão.

Aos seis ciclos, a garota considerava que seria capaz de vencer qualquer criança da sua idade em uma luta com o bastão, ainda que estivessem bem maiores que ela. Talvez até derrotasse alguns dos mais velhos... Quando falava sobre isso, Salkhi fazia várias negativas com a cabeça, emitia pequenos estalos contrariados com a boca e retomava os movimentos mais básicos do treinamento.

Shuurga, mantendo seu julgamento inicial, não participou dessa rotina de Tulan; continuou afastada da menina e não contribuiu em seus aprendizados.



Pouco depois de completar dois ciclos de treinamento, Tulan recebeu uma notícia empolgante: iria à aldeia ao pé de Oblitus buscar suprimentos.

Salkhi organizara a comitiva que faria a viagem e incluía a pequena nos planos. Os mestres julgavam que chegara a hora de Tulan ver o mundo, começar a conhecê-lo para além das narrativas de Golyn. Todas as crianças de Monte Dald passavam a participar dessas comitivas após a iniciação, e não seria justo manter Tulan mais tempo apartada do universo fora do templo.

E, para que os de fora não estranhassem uma não iniciada daquela idade andando entre os Monges do Destino, vestiram Tulan como um deles, com a calça, a túnica e o casaco de longas mangas e capuz. A mão esquerda, desprovida da mancha negra, foi enfaixada com ataduras, como se estivesse ferida.

Assim, a menina seria vista por todos como uma criança do Destino, ainda que essa não fosse a verdade.

A roupa não aquecia tanto quanto o manto de lã, mas Tulan gostou da liberdade que lhe dava, mais leve e flexível. Não voltaria a usar o manto, mesmo que o inverno lhe congelasse os ossos... Salkhi sorriu ao ouvir tais palavras e despenteou os cabelos da garota.

Em uma manhã fria, dominada por um vento uivante, quando o sol despontou no céu, Tulan saiu do templo pela primeira vez, na companhia de Salkhi e mais quinze monges guerreiros. Naquela expedição, nenhuma outra criança ou aprendiz seguiria com o grupo. Salkhi avaliara que o melhor seria garantir a segurança de Tulan. Cinco guerreiros iam à frente, conduzindo um grande carro de madeira. Se retornar ao templo com ele carregado seria cansativo, descer com ele leve e ágil pelas trilhas perigosas se revelou um desafio. Os outros se dividiam em grupos de três ou quatro guerreiros, mantendo uma distância entre eles. Tulan e mestre Salkhi seguiam ao final da comitiva, o que a afligiu.

– Mestre, posso seguir mais rápido, se quiser, podemos ir à frente de todos!

– Não seguimos por último por sermos os mais lentos, Tulan, e sim por sermos os mais fortes. Guardamos a retaguarda para que os outros caminhem despreocupados à nossa frente.

Isso não a convenceu: não se considerava mais forte do que aqueles guerreiros treinados cujos corpos pareciam feitos apenas de músculos.

A viagem seria longa: dois dias descendo a encosta de Oblitus até chegarem à aldeia de Khen Öngörökh; um ou dois dias de compras; três ou quatro dias para retornarem ao templo, trazendo os suprimentos – isso se as condições climáticas ajudassem.

E, como o tempo era o companheiro constante da longa caminhada, Tulan aproveitou-o ao máximo para encher Salkhi de perguntas, já que os outros guerreiros agiam como se a garota não estivesse ali.

Foi numa dessas conversas que a menina revelou:

– Sabe, mestre, não entendo pra que vocês servem. Na verdade, acho que monges guerreiros não servem pra nada!

Salkhi riu, divertindo-se com a pequena, tão segura de suas opiniões.

– Só nós? E os outros monges, servem pra algo em especial? – questionou.

– Com certeza! Os monges escribas são importantes porque veem o Destino nos sonhos. Ainda dormindo, as visões deles são reveladas no Livro Eterno.

– Verdade... eles são bem úteis dormindo... – Salkhi falou provocativo.

– Não só dormindo! – retrucou Tulan em tom de repreensão.

– Quando acordam, passam o tempo todo fazendo as tarefas do templo como se não tivessem nenhum dom especial. Limpam, cozinham, consertam... Fazem TUDO e vocês não ajudam em nada! Se eles não sonhassem, a gente não teria como conhecer o Destino. Acho que nem ia existir o templo! Nem vocês iam existir!

– Você tem razão, Tulan, os escribas são nossos elos com o Destino...

– Tá vendo? – e fez uma cara de “você não sabe de nada”. – Daí tem os monges leitores, que conseguem acompanhar aquelas linhas tortas, todas misturadas do Livro Eterno.

– Um momento, menina! Você já folheou o Livro Eterno?

– Só um pouquinho... – respondeu, aproximando o indicador do polegar e encolhendo-se. – Dei umas olhadinhas nas vezes que o mestre Golyn me deixou sozinha pra fazer não sei o quê. Mas não entendi nada! De verdade! Você já viu aquilo? É uma bagunça!

– Nunca vi. Pra isso existem os monges leitores! SÓ ELES podem folhear o Livro Eterno! Entendeu?

– Hum-hum... Eles conseguem interpretar aquela bagunça... e viajam pelo mundo! Passeiam muito!

– Não, não passeiam. Só os monges leitores possuem a habilidade de manter a conexão com Oblitus mesmo estando distantes

do templo por meses. Nenhum outro monge consegue tal façanha. Adoeceríamos se passássemos tanto tempo longe do templo. Por isso, os leitores viajam. Eles percorrem o mundo para levar mensagens importantes do Destino.

– Faz sentido. Aí, tem os monges invocadores, que são bem pouquinhos, certo?

– Correto. É bem raro precisarmos invocar o Campo do Destino. Por isso, são raros os monges que nascem com esse dom.

– A mestra Amidral é uma delas, né? Mestre Golyn explicou que ela consegue projetar esse Campo do Destino quando um fato muito importante para o mundo deixa de acontecer. Aí, lá dentro do campo, o Destino é corrigido...

– Esse evento é raríssimo, pois poucos são os seres capazes de ludibriar o Destino.

– Mestre Golyn falou que é tão raro acontecer que virou lenda no Mundo Antigo... que alguns acham que o Campo simplesmente se manifesta. Disse que nem imaginam a relação dele com os Monges do Destino...

– Você de fato entende nosso povo como uma verdadeira Monja do Destino!

– Eu não sou uma de vocês! – rebateu Tulan, cortante, e silenciou por alguns momentos.

Salkhi não sabia se devia retomar a conversa ou tentar falar mais sobre quem ela era – assunto um tanto espinhoso. Esperou e, minutos depois, a garota continuou:

– Então... não entendo pra que servem os monges guerreiros! Vocês não ajudam a gente em nenhuma das tarefas do templo. Não cozinham, não limpam, não consertam, não costumam... não fazem nada! Quando não estão de vigia, estão treinando, sempre lutando, correndo, escalando e fazendo coisas que não me deixam ver. Ah! E comendo... Vocês comem MUITO! Mestre Golyn me explicou que vocês são preparados para proteger o templo. Mas proteger do quê? Vocês não servem pra nada!

Não vejo nenhuma conexão de vocês com o Destino. E nunca lutam de verdade! Só treinam.

– Precisamos estar preparados.

– Preparados pra quê? Ninguém consegue encontrar o templo, quanto mais atacá-lo! Acho que vocês só são úteis quando saem para buscar suprimentos. Igual agora!

Salkhi gargalhou.

– Talvez seja essa a nossa função... buscar suprimentos!

– Não faz sentido! Pra que tantos monges guerreiros se a função de vocês for apenas essa?

– Você acha que buscar suprimentos é tarefa simples, menina? Espere e verá! – e gargalhou de novo.



Além das muitas conversas que teve com Salkhi, a viagem deixou outras lembranças gravadas na memória de Tulan. O caminho foi uma delas. A trilha estreita e íngreme constituiu um desafio durante toda a descida, transformando-se em um inimigo agressivo na subida de volta ao templo – principalmente quando os perigos desse caminho receberam o reforço de uma chuva congelante que soprou sem cessar nos dois últimos dias de viagem. O cansaço físico marcou a maior parte da jornada, exaurindo até o guerreiro mais forte da comitiva. Ainda assim, em todos os momentos, mesmo nos mais difíceis, era possível observar a paisagem fascinante.

Quando ainda estava nas alturas de Oblitus, a imensidão do que podia ser visto impressionava. O mundo se revelava enorme, assim como a cordilheira... tão cinzenta quanto os casacos usados pelos monges. Apenas nos picos mais altos se espalhava a cobertura branca da neve.

Conforme desciam, Oblitus se fazia maior, uma muralha rochosa, intransponível.

A cada pausa de descanso ou de alimentação, tanto no trajeto de ida quanto no de volta, Tulan olhava para todas as direções, tentando sem sucesso localizar Monte Dald. Mesmo tendo saído de lá, não conseguia identificar o mosteiro em meio às montanhas, era como se não existisse. E, se não estivesse seguindo os monges guerreiros, não saberia identificar a trilha.

A maior parte do trajeto era árida, com poucos arbustos retorcidos pelo vento dominante na montanha. O verde das árvores, que se acumulavam em uma floresta ao pé de boa parte de Oblitus, visto das alturas, assemelhava-se a um manto colorido que contrastava com os tons de cinza da cordilheira.

– Vamos passar por aquela floresta? – perguntou em certo momento.

– Não. Seguiremos por um caminho mais rápido, que levará direto a Khen Öngörökh.

– Seria bom se pudessemos andar em meio àquelas árvores... Só vi árvores nas imagens dos livros... devem ser incríveis de perto.

– Quem sabe em uma próxima jornada? – Salkhi respondeu, lembrando-se de quando tinha vontades parecidas com as de Tulan. – E fique tranquila que você verá algumas árvores em nosso caminho!

E ela realmente as viu e as considerou sensacionais. Altas e fortes, outras finas e repletas de galhos, mas todas mais rígidas do que imaginara. A variedade também a encantou, conseguia perceber as diferenças entre os troncos, as folhas, as cores. Eram tão diversas quanto as pessoas, cada qual com características próprias.

Outra memória marcante daquela primeira viagem foi o silêncio. Os monges guerreiros não eram festivos como os escribas. Em suas manhãs no mosteiro, quando participava da produção do pão, sempre era envolvida pela cantoria dos monges escribas, ou por alguma história engraçada que fazia todos gargalharem. Apesar de não a tratarem como uma igual, Tulan estava entre eles e comungava dessa alegria. Pelo menos por algumas horas diárias... E mesmo quando circulava sozinha por Monte Dald, ouvia os monges escri-

bas desempenhando as mais diversas obrigações, sempre acompanhados de uma alegre agitação.

Os monges guerreiros, ainda que também barulhentos, tinham outro jeito: gritavam durante os treinos, emitiam sons guturais a todo instante e entoavam mantras com tamanha força que a vibração da voz deles reverberava dentro do mosteiro, fazendo tremerem os objetos.

Ali não... No mundo de fora, os monges guerreiros eram silenciosos. Caminhavam quietos ou conversavam em tom baixo, como se sempre alertas a algum perigo. Não houve mantra, urros, gritos, nada durante toda a viagem. Mestre Salkhi destoava dessa seriedade, brincava e gargalhava, mas Tulan percebeu que ele agia assim apenas com ela. Quando estava com os demais guerreiros, parecia tão cinzento quanto eles.

Ver o povoado crescendo no horizonte pela primeira vez também virou uma memória especial. As pequenas construções eram tão diferentes do templo! Tão mais suaves e frágeis! Os telhados cobertos de um tipo de palha verdeoenga... as paredes brancas... a fumaça saindo de algumas chaminés... umas construções de madeira... o barulho que se fez ouvir quando se aproximaram... o cheiro de comida misturado a um odor acre de sujeira.

A diferença de seu universo conhecido se mostrou bem mais intensa ao entrarem no povoado. Tulan encantou-se ao ver muitos dos seres estampados nos livros de mestre Golyn agora caminhando diante dela.

Mais tarde, passou horas rememorando, sem conseguir definir o primeiro ser que vira. Em alguns momentos, lembrava-se claramente de ter encontrado o elfo com o corpo todo desenhado, andando sem camisa apesar do frio, cantando bêbado e pedindo moedas a quem se aproximasse. Em outros, tinha certeza de primeiro ter visto a fada que passara voando no meio da comitiva, pedindo licença a todos, aos berros, com muita pressa. E, como essas, muitas outras imagens se confundiam em sua memória, o que coincidia com a confusão real do povoado.

Tulan não percebeu, mas Salkhi manteve-se muito próximo a ela por todo o trajeto, como um pai zeloso cuidando da pequena e curiosa filha.

Ela tentava conter seu espanto ao reconhecer um novo ser em meio aos tantos que circulavam pelo povoado. Repetia para si mesma os povos aos quais pertenciam, como que testando seus conhecimentos: fada, elfo, goblin, gigante, salamandra... eram muitos.

A hospedaria para onde se dirigiram assim que entraram em Khen Öngörökh foi um presente para a menina. No lugar havia um amplo refeitório no térreo, e quartos espalhavam-se por dois andares. A agitação de vozes, nos mais diferentes tons, misturadas a uma música alegre e ao cheiro de comida, despertou a vontade de se perder naquele salão, mas mestre Salkhi manteve a mão firme em seu ombro, guiando-a para a mesa onde jantariam.

Para seu desespero, Tulan foi mantida sentada quietinha, ao lado esquerdo de Salkhi, e seu grupo comeu em silêncio, não cantou, não dançou, manteve-se sério, olhando para todos sob o capuz cinzento, como se os advertissem a manter distância – o que parecia ser compreendido e respeitado. Foi assim até que uma pequena criatura, com a pele coberta por tantas verrugas que chegavam a lhe obstruir os olhos, aproximou-se vagorosamente, tentando ocultar-se, o mais que podia, sob um manto velho e encardido. Tulan não conseguiu definir a que povo ela pertencia, não vira nada parecido nas imagens mostradas por mestre Golyn.

Imaginou que os monges fossem se colocar de pé e apresentar as armas a qualquer momento, e surpreendeu-se ao ouvir uma voz fina e trêmula dizer:

– Quanto tempo, mestre Salkhi!

– Minha cara Lúcia! De volta a este canto esquecido do mundo? Junte-se a nós, ainda há muito alimento à mesa.

– Aceito o convite... – respondeu, pigarreando e sentando-se em um espaço que os monges abriram no banco, ao lado direito de Salkhi, revelando bastante dificuldade em locomover-se.

Após uns instantes de silêncio, que afligiram Tulan, enquanto Lúcia comia um pedaço de pão, Salkhi perguntou:

– Por que se esconde sob esse manto, Lúcia?

– Pelas mesmas razões que vocês se escondem sob os seus... Não quero atrair olhares! Ando cansada das reverências dadas aos anciãos... O manto e um feitiçozinho que realizei garantem meu anonimato por aqui.

– Chegou há pouco?

– Na verdade, não. Estou aqui há mais de mês... renovando o feitiço e cansada de me manter escondida...

– Tamanho esforço deve ter um motivo e tanto!

– Estava aguardando a vinda de um de seus monges guerreiros, mas não imaginava encontrar justamente você! Veja só como são os deuses... ou o Destino, se assim preferir... – e riu uma risada muito estranha, musical.

– Esperava meu povo por qual razão, Lúcia?

– Tenho assuntos a tratar com o Conselho de Monte Dald – falou e arregalou os olhos de tal forma que as verrugas formaram um contorno irregular em suas íris rosadas e brilhantes.

– Sabe que nenhum de nossos monges, nem mesmo eu, tem autorização para guiar alguém até o templo.

– Já cheguei sozinha até ele outras vezes, não?

– Isso é verdade, mas por que, então, aguardou nossa vinda desta vez?

– Estou velha, Salkhi. Estamos velhos! Apesar de você não aparentar... Não há por que me arriscar a subir tudo sozinha... E o que tenho para tratar com o Conselho é importante. Não posso correr o risco de morrer pelo caminho.

– Imagino que seja de fato importante... se a fez esperar por tanto tempo, e ainda ocultando sua identidade.

– Tenho uma informação que não compartilhei com os outros anciãos... Não penso que devam saber por enquanto. Tampouco devem descobrir que vim conversar com vocês. Diz respeito aos Mon-

ges do Destino, e decidi que devo revelá-la ao Conselho de Monte Dald. Espero contar com o apoio desses fortes guerreiros e guerreiras que o acompanham para me ajudar a chegar àquele pico maldito! Quem sabe, carregando-me! – e riu musicalmente mais uma vez.

Ao olhar de repreensão de Salkhi, Lúcia reagiu com um erguer de ombros e complementou:

– Não dá para dizer que Oblitus seja bendita... com tantas mortes que acumula! E mesmo a vocês ela escraviza e suga! Você bem sabe!

– Já discutimos isso. Melhor não voltarmos a esse ponto!

– Certo, certo... – disse enchendo uma tigela de sopa. – Posso contar com a ajuda de vocês?

– Sem precipitações, velha amiga... A que diz respeito essa informação?

– É sobre a ameaça que se aproxima, a razão pela qual, nas últimas gerações, você tem tido bem mais trabalho que os outros mestres para treinar tantos novos guerreiros... Penso que descobri o que o Destino ainda não revelou a seus monges escribas!

A aparente indiferença dos monges guerreiros desapareceu com essa fala da pequena criatura, que, pela terceira vez, riu sonoramente.

– Consegui a atenção de todos vocês, não foi?

– Boroo – Salkhi falou pensativo –, você é a mais experiente aqui. Fique na liderança da comitiva. Amanhã cedo retornarei com Lúcia para Monte Dald.

– Mas vamos sozinhos? Não é arriscado dois caminantes desafiam Oblitus por dias de viagem?

– Por que caminhar quando podemos voar? – respondeu Salkhi.

– Não posso voar! – rebateu Lúcia, nervosa.

– Você é pequena, a levarei sem problemas. Não quer chegar logo ao mosteiro?

– Bem, sim... sim... – respondeu insegura.

– Fique tranquila – Salkhi disse divertido. – Não a deixarei cair! – E voltando-se para Boroo: – Cuide de Tulan; ela ficará sob sua responsabilidade!

Boroo concordou com um gesto de cabeça, mas a garota desesperou-se:

– Eu quero voltar com você! – resmungou chorosa.

– Não há como eu voar tão alto carregando Lúcia e você, Tulan. E seu interesse pelas novidades, acabou? Amanhã, vocês irão ao mercado, sem dúvida uma aventura imensa!

Tulan estava contrariada, mas sabia que não adiantaria argumentar. Fora decidido.



Mais tarde, já deitada no quarto escuro, ouvindo alguns dos guerreiros ressonarem, Tulan ainda fervilhava mergulhada em questionamentos e inseguranças.

– Mestre... – chamou baixinho, buscando descobrir se Salkhi estava acordado.

– Se não dormir, não recuperará a força do corpo. Amanhã seu dia será cheio e o meu também, Tulan. Devemos repousar.

– Por que você veio andando até aqui se pode voar? – arriscou. Sabia que Salkhi se sentia impelido a responder às suas perguntas.

– Porque nem todos de nossa comitiva podem voar, apenas os guerreiros do ar. É importante permanecermos juntos. E a jornada é igualmente cansativa, seja pela terra, seja pelo ar... Garanto a você.

– Então, por que voará amanhã?

– Para chegar mais rápido, ainda que exausto.

– E por quê...

– Precisamos dormir, Tulan.

– Por que vai me deixar? – perguntou em um ímpeto, revelando o que de fato a afligia.

Salkhi a viu como a menina que era, frágil e solitária. Estendeu a mão para tocar-lhe a cabeça, na cama ao lado da dela.

– Sabe aquela sua dúvida?

– Qual?

– Aquela sobre o papel dos monges guerreiros?

– Hum-hum.

– Eu também a tenho. Não sei por que temos tantos guerreiros... Não foi sempre assim, e nenhum de nós entende por qual razão isso vem mudando.

Tulan sentia o corpo vibrar com uma estranha eletricidade, como se prestes a descobrir um segredo imenso. Salkhi continuou:

– Assim como você, Tulan, eu e todos os Monges do Destino não conhecemos a função de tantos guerreiros quando não há luta, não há ameaça... Mas o Destino tem determinado que assim seja. E Lúcia, ao que parece, desvendou esse mistério. Não acha que vale a pena voltar voando para o mosteiro?

– Sim, mestre, sim! Quando descobrir a resposta, você me conta?

– ... Conto...

– Promete?

– ... Prometo... – e Salkhi disse isso retirando a mão dos cabelos de Tulan e virando-se para o outro lado. – Mas, por agora, vamos dormir.

Tulan demorou a dormir, porque pressentia que algo mudaria em sua vida quando a resposta viesse.